

## ANCHIETA

Nasceu José' de Anchieta em São Cristóvão de La Laguna, capital da ilha de Tenerife (Canárias) a 19 de março de 1534.

Aos catorze anos de idade foi enviado `a Universidade de Coimbra, juntamente com um dos seus nove irmãos. Anchieta, embora ainda menino, espantou seus mestres pela facilidade notável que possuía em compor versos e prosas. Espírito místico, a 1o de Maio de 1551, contando 17 anos, ingressou na Companhia de Jesus, em Coimbras. E a 8 de Maio de 1553 (tinha, então, dezenove anos de idade) viajou para o Brasil; veio na frota de D. Duarte da Costa, dedicando-se desde logo, `a catequese dos silvícolas. Tornou-se celebre sua atuação ao lado de Manuel da Nóbrega na pacificação dos tamoios, quando ficou como refém durante quatro meses na mão dos temíveis índios.

Anchieta e', com justiça, considerado o fundador da literatura brasileira. Escreveu pecas teatrais destinadas `a catequese, poesias em português, latim, tupi, espanhol, alem de uma "Arte de Gramática de língua mais falada na costa do Brasil" (Tupi-Guarani). E' autor, ainda do celebre poema dedicado a Maria, mãe de Jesus, que contem 4072 versos latinos.

Cognominado o "Apostolo do Novo mundo", morreu Anchieta a 9 de Junho de 1597, aos sessenta e três anos de idade.

## ANTERO DE QUENTAL

Poeta, prosador e filósofo português. Nasceu em Ponta Delgada, ilha São Miguel, Açores em 1842. Formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra em 1864. Autor de varias obras, destacando-se "Considerações sobre a Filosofia da Historia Literária Portuguesa", "Sonetos" (sua obra-prima) e "Odes Modernas", sobre as quais disse Camilo Castelo Branco: "são um terremoto na velha cidade dos líricos".

Pensador profundo e considerado um dos maiores poetas da língua portuguesa, sobre ele escreveu Eca de Queiroz:

"Eu só' conheço um homem, uma exceção, em que o sumo gênio poético se alia `a suma razão filosófica. E' o nosso Antero de Quental".

Espirito sofrido e atormentado, Antero de Quental, em carta a João Lobo de Moura, confessou: "Só' confio na morte, como a única solução satisfatória, radical, definitiva e, para dizer-lhe tudo, chego a desejar-la, como diz Shakespeare, deseja'-la devotadamente".

### O SUICIDA

De madrugada, num delírio louco,  
Sonhei um dia me fazer suicida.  
O mundo, então, era tristonho e oco,  
E eu, filho da desgraça sem medida.

O que te prende `a Terra e' muito pouco,  
Disse-me a morte, a espreitar-me a Vida...  
Vem 'o pálido herói cansado e rouco,  
E deixa-me curar tua ferida!

E no frio delírio vi na Morte  
A deusa do Amor, da Paz, meu Norte...  
E, louco fui bater em seus portais!

"Sou eu, o' deusa!" Em laços fortes, grossos,  
Prendeu-me, então, na treva em meio a ossos,  
E ali gemi por longos anos mais!

## Johann Sebastian Bach 1685-1750

Dir-se-ia que, em vez do sangue, a musica fluísse nas veias dos Bachs. O primeiro deles foi um moleiro que tocava flauta. Sabemos tão pouco da qualidade da sua musica como da qualidade dos seus cereais. "Como quer que seja", observou Johann Sebastian referindo-se ao avo moleiro, "ele deve ter aprendido a marcar o tempo segundo o bater das pás de madeira do moinho".

"O objeto de toda a musica devia ser a gloria de Deus", observou Johann Sebastian. "Todo e qualquer piedoso poderia fazer quanto fiz se nisso se empenhassem como me empenhei". Como bom Luterano, Sebastian fora educado na tradição protestante do trabalho árduo. Ninguém pode esperar tornar-se um dos eleitos de Deus no céu se não se consagrar a longa e laboriosa candidatura aqui na Terra. Trabalho árduo queria dizer levantar cada qual o seu fardo na terra, alça-lo aos ombros e carrega-lo com firmeza na jornada para o santuário do Senhor. A vida era luta áspera. Forças tremendamente pesadas empenhavam-se para conservar o homem preso ao pó' que lhe represava a mortalidade. Mas, naturalmente, o verdadeiro caminho do homem era para a frente e para cima - e isso a despeito do fardo, ou melhor, em razão do seu fardo....

Os maiores obstáculos contra o progresso de um homem não são, às vezes, forças impessoais, senão humanas, pensava Bach. A estupidez de semelhantes. Estes e' que, por amor de suas regras e preceitos ridículos, não permitem à gente elevar-se. Ele fora, por exemplo, empossado no cargo de organista da Igreja de Anstadt, onde havia um órgão magnífico, que respondia, como animal sensitivo, ao seu toque. Os funcionários da igreja, porem, não respondiam com a mesma cordialidade. Não lhe apreciavam a maneira de acompanhar os hinos da congregação, nunca tendo tido, até' então, quaisquer dificuldades com os organistas anteriores. Era coisa perfeitamente simples seguir o compasso da congregação e executar sempre as mesmas melodias. Mandaram-lhe uma queixa formal. "Durante anos os nossos organistas executaram, sem variações, a musica coral dos domingos. Mas, persistis em fazer variações e entremear uma porção de sons estranhos que confundem a congregação inteira". Que diabo estaria ele fazendo `as árias sagradas da musica da igreja? E mais ainda, Bach fora nomeado com a explicita condição de ensaiar os meninos do coro e ensiná-los pacientemente. Até' aquele instante, contudo, quedara-se ele egoisticamente com o seu órgão e não perdera um minuto com os meninos. "Em vista disso, deveis declarar se pretendeis ou não, de ora em diante, ensaiar os meninos. Se não vos envergonhais de receber vosso salário, não deveis também ter vergonha de lecionar os estudantes".

Cedo, porem, findou-se a disputa. os funcionários da igreja viram-se livres do "preguiçoso" organista. Bach obteve um cargo em outra igreja, com um bom salário. O anejo organista não podia queixar-se. Oitenta e cinco florins, doze alqueires de cereais, seis feixes de gravetos. Chegaram a ponto de enviar-lhe uma carroça para transportar os seus trastes à cidade. E como bonificação, pois parecia um sujeito agradável, ofereceu-lhe a junta administrativa da cidade três libras de peixe por ano.

Imagine-se, porem, a audácia daquele homem! Tanto que avistou o órgão declarou não gostar dele. Era pequeno demais. Não obstante, satisfizera, até' então, todos os outros organistas. Estes não se tinham queixado da insuficiência da pressão nos tubos nem da impropriedade do sistema de ar. Que e' que tinha que faltasse o trigesimo-segundo registro pedal? Os outros organistas não haviam torcido o nariz. Afinal de contas, que espécie de homem era aquele que exigia que se ajustasse aos pedais um jogo de sinos - um Glockenspiel? Os membros da junta administrativa soltaram um suspiro de alívio quando Bach desistiu do cargo.

Sem embargo, o povo começava a murmurar que ele era bom organista. Tinha mãos enormes, pois alcançava doze notas com a esquerda, enquanto executava passagens com os três dedos do meio. Havia quem dissesse que era capaz de trinar com o polegar e o indicador e, ao mesmo passo, tocar uma melodia com o quarto e o quinto dedos. E que corpanzil! Maior e mais vigoroso que o de qualquer outro organista na Alemanha. Ainda assim, um companheiro sempre alegre, sempre disposto a topar com qualquer um diante de uma caneca de cerveja. Em nada se parecia com aqueles velhos musicozinhos, temperamentais, escanifradados e distantes: era um homem do povo - robusto, cordial e musculoso, semelhando muito mais um ferreiro diante dos foles de uma forja do que um organista diante dos tubos de um órgão, e dando a impressão de que estaria muito mais à vontade soprando uma chama do que acionando uma corrente de ar.

Alem disso, não se esquecia o povo da maneira por que ele mostrara o seu lugar àquele organista francês adventício, Jean Louis Marchand. A historia passava, nos círculos familiares, de uma geração para outra. Louis considerava-se o primeiro organista do mundo. A corte de Versalhes virara-lhe a cabeça. Chegado à Alemanha, os príncipes cumularam-no de medalhas por suas execuções. Diante disso, principiou a erguer-

se, entre a gente que gosta de discutir essas coisas, o boato de que Louis era superior a Sebastian. Os amigos de Bach, entretanto, não se mostravam dispostos a fazer concessões de qualquer espécie. Persuadiram-no a escrever uma carta a Marchand, desafiando-o para um duelo musical. Aceitou Marchand o desafio com bastante benignidade. Instituiu-se um júri de músicos e concertaram-se a data e o local do duelo. Grande concorrência de gente acudiu para assistir ao certame. Bach apresentou-se no momento aprazado. Mas onde estava Marchand? Este tomara a primeira diligência para, deixando a Alemanha, volver à sua muito amada França. A reputação de Bach tornou-se, a partir de então, inquestionável.

Mas a fama é um vento caprichoso. A grimpada do favor público principiou, de improviso, a girar em sentido contrário para Sebastian. Dizia-se que o excesso de homenagens já lhe estava virando a cabeça, que a própria importância o ensoberbecera demasiadamente, e que, ao tocar, ele se entretinha de tal maneira a admirar o anel que lhe dera de presente o herdeiro do trono da Suécia, que se esquecia de atentar ao teclado. Era uma pena, murmuravam alguns de seus destratores, que Sebastian não pudesse conhecer o grande Handel. Se o fizesse, haveria de reconhecer a própria pequenez.

Melindrava-os sobretudo o que eles mesmos denominavam a desarrazoada arrogância de Johann Sebastian. Uma vez, tendo Bach solicitado um cargo de organista de igreja, disseram-lhe ser preciso pagar determinada soma de dinheiro à tesouraria da igreja - costume necessário, que o tempo sancionara. Como Bach se recusasse a cumprir com o que determinava tal costume, admoestou-se severamente o funcionário encarregado: "Se um dos anjos de Belém descesse dos céus... e desejasse ser organista da igreja de São Jacó e não tivesse dinheiro suficiente para pagar à tesouraria, outra coisa não lhe restaria a fazer senão voar de novo para os céus". Sebastian, contudo, não parecia amigo dos anjos. Persistiu na teimosia e declinou do cargo.

E quando obteve o emprego seguinte, comentou-se, à boca pequena, que os seus pensamentos se concentravam muito mais na adega da igreja do que em coisas mais elevadas. "Não conseguimos entendê-lo. Engorda a cada dia mais, de pura preguiça. Composições originais? Frioleiras! Ele que cumpra como homem honesto as suas obrigações regulares - obrigações pelas quais está sendo pago. Dedique mais tempo aos meninos do coro em vez de mandriar por aí - só Deus sabe onde. Toque o órgão, tema o Senhor e satisfaça-se com seu salário - pois, em caso contrário, arranjaríamos outro organista para substituí-lo".

Alguém teve a audácia de murmurar: "Meus bons amigos, vocês não compreendem esse Bach. É um gênio".

"Gênio? Os gênios não nos interessam. Precisamos é de um chantre que toque a música religiosa de forma respeitosa e convencional".

À parte essas disputas, no entanto, levava uma vida feliz, repleta de música. Organista em Ohrdruf, Anstadt, Mulhausen, Lubeck, Leipzig; músico da corte de Weimar; favorito de Frederico, o Grande. Durante muitos anos o rei Frederico, ativo soldado, poeta e músico, que lançava os alicerces do poderoso império alemão, insistira com Bach para que desse um concerto de órgão em Berlim. Afinal, Sebastian concordou em penetrar o Valhalla terrestre e acalmar, com as suas árias, o rei guerreiro cheio de cicatrizes das batalhas. Ao ter notícia de sua chegada, iluminaram-se os velhos olhos de Frederico. "Senhores", disse ele ao grupo de cortesãos à sua roda, "O dia de hoje é um dia cheio. Sebastian Bach encontra-se aqui". O velho organista entrou na corte com o seu fato de viagem e pôs-se a percorrer, arrastando os pés cansados, uma sala após outra, respeitosamente acompanhado de toda a corte, e executando sucessivamente qualquer coisa em cada um dos sete pianos do imperador. Frederico ouvira dizer que Bach era "meio compositor". Modesto, Sebastian confessou-o. "Escreva-me o tema de uma fuga e buscarei desenvolvê-la em seis partes", sugeriu. Frederico escreveu o tema num pedaço de papel. O velho músico, com os ombros curvados e cansados mas com dedos que não haviam jamais perdido a mocidade sentou-se ao teclado e transformou o tema do imperador num milhar de cascatas de melodia. "Meu Deus!" bradou, admirado, Frederico, "existe apenas um grande Bach!"

Um grande Bach, mas muitos pequeninos. As suas faculdades procriadoras eram tão prolíferas quanto as criadoras. Casado duas vezes, educou uma família de vinte rebentos. Brincalhão como as próprias crianças, estava sempre junto dos jovens, visto que, além da própria desenhada, vivia rodeado de uma legião de alunos. De todos os cantos da Europa acorriam estes para aprender o mistério da mágica técnica. Adoravam-no e porfiavam em apanhar alguma coisa da perícia do mestre ao executar os exercícios para os dedos que este lhes dava. Era um velho excêntrico pateta com um turbilhão de idéias novas. Ensinava-os, por exemplo, a usar o polegar e o dedo mínimo no teclado, como os outros dedos - violação de que nunca se tinha ouvido falar da maneira convencional de tocar escalas. E com que surpreendentes resultados!

Mas era árduo trabalho essa constante utilização de toda a mão, com o pulso e o cotovelo mantidos sempre horizontalmente em relação ao teclado. Destarte, sempre que os alunos se cansavam de seus monótonos exercícios, Sebastian escrevia preludiosinhos melódicos para que eles executassem à guisa de relaxação. De vez em quando, lançava mão de um dos seus estudos de técnica mais complicados e sobre eles fazia improvisações, numa espécie de devaneio. Depois, ao terminar, "Você precisa aprender a tocar como eu, Christoph Transchel. Assim é que é". Assim era, de fato; mas que poderia fazer um pobre-diabo de aluno com um louco que improvisava em claves completamente estranhas ao ouvido humano e que saltava de uma clave para outra, displicente, sem a menor pausa na torrente de sua melodia?

Sem embargo, havia quem o compreendesse. Os filhos por exemplo. Johann Friedrich e Karl Emanuel, dois rapazes que tinham herdado a loucura que habitava o sangue do pai. Não era, pois, para admirar que se quisesse tanto, esse pai e filhos. Costumavam sentar-se na saleta de visitas e quedavam-se, por largo espaço, a cantar intérimos corais. Ou então, cada um deles tomava de um instrumento e improvisava um tema em harmonia e contraponto, confundindo-se com os outros numa salva orquestral de musica. Enquanto aos outros membros da família, estes também faziam parte do circulo encantado de compreensão musical. As próprias letras do seu sobrenome. B-A-C-H, formavam uma sucessão melódica.

Família de estranhos talentos e nervos sensitivos, esses Bachs. Especialmente Papai Sebastian. Quando alguém sente a musica com profundidade, com demasiada profundidade, força é que se mostre irritadiço em relação a esses organistas profissionais, cujas notas desajeitadas são outras tantas punhaladas no coração da gente. Fora impossível não atirar a peruca na cara deles e dizer-lhes que deviam ser sapateiros em vez de músicos. E isso, ainda por cima, dava à gente a reputação de ser um velho maníaco intratável. Velho maníaco intratável! Que poderiam esses parvos compreender no tocante à superioridade da visão alheia? A gente senta-se ao órgão ao mesmo tempo que milhares de outros, mas não sente as mesmas coisas néscias que sentem esses outros, que permanecem com ambos os pés pregados à terra e lançam um olhar horizontal e fixo, às paredes vazias que tem à sua frente. A gente faz o mesmo, também, de principio.

Um belo dia no entanto, um pensamento estranho nos perturba, e tudo, então, surge claro como o dia. O homem não deve apenas olhar fito ante si, senão para cima também. Não são, acaso, edificadas todas as igrejas para rebrilharem o sol? O próprio plano de vida - pois vivemos em pé, direitos, sobre duas pernas - é todo ele de linhas verticais. assim também há de ser a musica. Da mesma forma que a criança ergue o rosto, buscando a direção paterna, assim também deve a melodia que cantam os homens elevar-se para o alto, sempre para o alto. As notas sobem as escalas, trepam as vertiginosas oitavas e, em seguida, deitam-se delas abaixo para tomar fôlego. A estrutura da musica, como a estrutura das igrejas, há de obedecer às linhas de ascensão e descensão. A melodia cumpre fazer uma estrada que ligue a terra aos céus e os céus à terra. Quando um grupo de notas enceta a sua jornada ao longo da estrada, prepara-se um segundo grupo para seguir-lhe a esteira. E tanto esse segundo grupo se põe a caminhar, preparam-se para acompanhá-lo, por seu turno, um terceiro e um quarto. E a qualquer momento dado dessas eternas e periódicas subidas e descidas, encontram-se, nas varias etapas da jornada, exercitinhos de notas, a subir ou a descer, prestes a tomar pela mão novos destacamentos na gloriosa andança. E posto que cada destacamento encete a caminhada partindo com medida pontualidade do ponto final- isto é, precisamente no horário marcado e com intervalos iguais - algumas notas mais impetuosas alcançam as mais indolentes, de sorte que se estabelece constante movimento de misturas e precipitações para baixo e para cima das escalas. Escapadas as perseguições, capturas e escapulidas - origem das fugas de Sebastian Bach.

Bach, todavia, não se contenta em deixar as coisas desse jeito. E'-lhe preciso trabalhar para que não haja confusão nem discórdia nessa sucessão e interpenetração constante de sons. Hão de viver as notas com as outras em completa harmonia.

Sim, era essa a palavra - harmonia. Mas, como segui-la? Aqui aproveitou ao organista a própria experiência. Em casa, quando os numerosos membros da família se reuniam, aos domingos, na saleta de visitas, conversavam e cantavam bastante. Cada qual tinha o seu repertóriozinho próprio de idéias e expressava-as, corajosamente, diante dos outros. Ninguém que desejasse falar era impedido de fazê-lo. Tinham todos a liberdade de exprimir-se à vontade. Na maioria das vezes, contudo, falavam ao mesmo tempo. Mas tamanha era a boa vontade de todos que o espirito geral era o da mais absoluta harmonia. Cada opinião individual constituía importante contribuição à mutua compreensão da família inteira. Ao cantarem os seus corais o principio era o mesmo. Cada voz improvisava livremente própria melodia, e todas as vozes se confundiam numa unidade concordante.

E foi este precisamente o principio que ele aplicou à harmonia de suas composições. A aspiração ascendente do homem - a ascendente aspiração da musica. Mas enquanto o homem permanecer na terra, embaraçado em sua ascensão pelo teto horizontal da própria mortalidade, há de a sociedade que ele habita ser livre, harmoniosa e democrática, pois somente na beleza da variedade reside a unidade verdadeira. Tal

era o espírito do organista-compositor ao escrever as suas cantatas religiosas e a sua música da Paixão. Pois esse músico, ao sentar-se diante do seu instrumento encantado, falava diretamente ao homem comum através da linguagem universal de seu prelúdio e de suas fugas. "Quero demonstrar ao mundo, na arquitetura da minha música, a arquitetura de uma nova e bela comunidade social. O segredo da minha harmonia? Só eu o conheço. Cada instrumento em contraponto, e tantas partes contrapontísticas quantos instrumentos existirem. A auto-disciplina iluminada das várias partes - cada qual impondo voluntariamente a si mesma os limites de sua liberdade individual para o bem-estar da comunidade. Tal é a minha mensagem. Nem a autocracia de uma única e teimosa melodia, de um lado, nem a anarquia de ruídos, desenfreados, de outro. Não - um delicioso equilíbrio entre ambos - uma liberdade esclarecida. A ciência da minha arte. A arte da minha ciência. A harmonia das estrelas no céu, o anseio da fraternidade no coração do homem. Tal o segredo da minha música".

O corpo gasto, os olhos fraquejastes, a cabeça inclinada sob o peso dos sessenta e cinco anos, não lhe era possível, mesmo assim, acreditar no fim próximo. Havia tanta coisa ainda que fazer! Outro coral para escrever, outro concerto, outra fuga. Já agora, no entanto, lhe faltava quase de toda a visão. Viu-se obrigado a ditar a sua música. "Das profundidades do abismo chamei por ti, Senhor". O derradeiro brado. Depois o silêncio.

Mas ele estava contente. Fizera um bom serviço. Aos trinta e oito anos de idade alcançara o auge de suas faculdades criadoras. Escrevera a Paixão segundo S. Mateus e a Paixão segundo S. João - tremendos dramas musicais em que pintara os sofrimentos do Cristo. Existira antes dele a música da Paixão, assim como existira, antes de Esquilo, a tragédia grega - simples cânticos cristãos e coros populares gregos. No entanto, Bach, à semelhança de Esquilo, transformara essa tradição popular heterogênea numa forma pessoal e homogênea de arte. E aquela portentosa Missa em si menor, dedicada ao rei católico da Polónia! Sim, ele servira bem a Deus com a sua música. Duzentos composições para órgãos, prelúdios, fugas cantadas para orquestra e coros e concertos para instrumentos de corda e sopro. E a sua música, como ele mesmo, fora sã, despreziosa e devota. Simples como o canto dos pássaros ao sol que nasce ou que morre.

Agora, após um dia tranqüilo da noite. Morreu rapidamente, de um ataque apoplético. Foi enterrado no cemitério de São João, para ser esquecido por mais de um século. A crônica de Leipzig estampou o seguinte lacônico obituário:

Faleceu a 28 de julho, às oito horas da noite, o douto músico Herr Johann Sebastian Bach, compositor de S. Majestade o rei da Polónia, chantre das cortes de Gothen e Weissenfels, regente e chantre da escola de S. Tomas.

Isso foi tudo. A junta administrativa da cidade expressou breves condolências. "Herr Bach era um grande músico, sem dúvida, mas nos precisávamos de um mestre-escola e não de um regente musical". A viúva, a cujo cargo ficara o fardo da enorme família, cedo esgotou as economias do marido. Transformada em objeto da caridade pública, foi depois de morta, sepultada na vala comum. a música escrita por Bach jazia na obscuridade de um armário na sacristia de São João. E sempre que um aluno de catecismo precisava de um pedaço de papel para embrulhar a merenda, ia ao armário e arrancava uma folha dos manuscritos de Bach. Enquanto Ludwig van Bethoven compunha as noites imortais da sua Quinta sinfonia, a última filha de Sebastian Bach vivia os derradeiros dias de sua vida num asilo.

"O velho era tão modesto que não conhecia sequer o próprio valor", observou um dos alunos que o admiravam, junto à sepultura do mestre. "É possível que vários séculos se passem ainda antes que o mundo se advirta da existência dele".

## **PRINCIPAIS COMPOSIÇÕES DE BACH**

### **CORAIS:**

A Paixão segundo S. Mateus  
A Paixão segundo S. João  
Missa em si menor  
Oratório de Natal  
Bauern cantata  
Cafee cantata

## INSTRUMENTAIS

Concertos de Brandenburgo para orquestra (1-6)

Concerto em estilo italiano

Sonatas para violino e piano (1-6)

Suite para orquestra (1-4)

Fantasia cromática e fuga

O cravo bem temperado (Livros I e II)

Suites francesas (1-6)

Suites inglesas (1-6)

Variações "Goldberg" (1-32)

A arte da fuga

Oferenda musical para piano-forte

Prelúdios, fugas, tocatas, etc..